

JOSELY V. BAPTISTA – UM EXEMPLO DE POESIA CONTEMPORÂNEA

JOSELY V. BAPTISTA – A EXAMPLE OF CONTEMPORARY POETRY

Adriano R. Smaniotto – PG-UFPR

RESUMO: Este artigo procura investigar as possíveis relações do livro *Ar* de Josely Vianna Baptista – publicado em Curitiba na década de 1990 – com o ensaio *A recente poesia brasileira: expressão e forma*, do professor Benedito Nunes, publicado em 1991. No ensaio, o autor define algumas linhas mais visíveis para se demarcar a poesia da década de 1980, como a poesia epigramática, a poesia do fragmento, a poesia neorretórica e a metapoesia. De certa forma, os poemas de Josely V. Baptista, *blocos aerados*, permitem encontrar pontos de contato com o ensaio referido, além de aspectos experimentais e relações particulares com a leitura. Após a análise de alguns de seus textos é pensada a relação desta forma de poesia com a cultura Guarani, com o Neobarroco, o gênero ensaio e a velocidade midiática.

Palavras-chave: Poesia Brasileira Contemporânea. Poesia paranaense. Década de 1990. Blocos aerados.

ABSTRACT: This paper shows the possible relations between the book *Ar* of Josely Vianna Baptista - published in Curitiba, in decade of 1990 - and the essay *The recent brazilian poetry: expression and form*, of professor Benedito Nunes, published in 1991. In essay, the author define some lines more visible to delimit the 80's poetry, such as the epigrammatic, the fragment poetry, the new rethoric poetry and the matapoetry. Somehow the poems of Josely, *aerated blocks*, allow to find point of contact with o essay, beyond experimental aspects and particular relations with act of reading. After the analyses of some texts, is seen the relation of this form of poetry with the Guarani culture, the NeoBarroco, the essay genre and the velocity of media.

Keywords: Contemporary Brazilian poetry. Paranaense poetry. 1990 decade. Aerated blocks.

1. Introdução

A poesia brasileira recente inscreve-se num terreno híbrido, propício às manifestações artísticas que conjugam seu objeto poético conforme maior assimilação e aptidão às linhas já demarcadas no decorrer da evolução da Literatura. Entretanto, ao longo dos anos, tais manifestações, que se moldam segundo as experiências e conquistas modernistas desde a semana de 22, primam ora por atitudes histórico-lineares, ora por “saltos sincrônicos”¹².

¹² Por “saltos sincrônicos” entendo as manifestações artísticas de poetas como Rubens Torres Filho, Paulo Henrique Britto, entre outros, que retomam o verso, mesmo produzindo suas obras depois da Poesia Concreta, a qual o aboliu.

Em ensaio sobre a poesia da década de 1980, o professor Benedito Nunes(1991, 171-183) demarcou o quadro referido, apontando quatro possíveis direções: a linha neo-retórica, a poesia do fragmento, a linha epigramática e a metapoesia. Dentro de tais perspectivas é plausível, dada a relevância do ensaio, remeter determinada obra que se queira analisar às linhas propostas, na tentativa de maior apreensão estética e cultural.

O intuito desta exposição centra-se em relacionar a poética da paranaense Josely Vianna Baptista com àquelas linhas, explicitando seus pontos de contato, bem como seus afastamentos estéticos, propiciando, desse modo, um olhar mais cuidadoso para uma poesia que não comunga com só uma das linhas, e que, a exemplo do concretismo, pode ser admirada à luz das artes visuais.

2. O bloco aerado enquanto elemento norteador do ritmo e destruidor da estrofe convencional

O aspecto formal de maior destaque na poética de Josely concentra-se na disposição visual de cada poema, na qual as palavras possuem espaçamentos que dão ao poema a aparência de bloco com poros, ou no dizer da autora, blocos aerados¹³. Tal disposição confere ao poema outra estrofação que não a linearmente conhecida e, por consequência, outro ritmo:

um dia eufórica outro
s por fora um dia eng
agé outro remtombée a
puro um dia outro rig
ore o dia urzes e alca
çuzes vezes que bruxa o
utras que musa se um d
ia blanco os outros sa
lvos um dia desfeita ou
tros perfeita um outro
em dia um dia um out
ro dia sem d nem você (BAPTISTA, 1991, p. 13)

Desse modo, o primeiro encontro com o texto de Josely impõe ao seu leitor uma barreira na sequência lógica de leitura que lhe é peculiar, pois o processo de compreensão e interpretação é barrado pela incapacidade advinda dessa presença “aérea” que interfere sensorialmente no leitor, impedindo-o de apreender toda a palavra, tanto morfológica quanto semanticamente:

¹³ A definição bloco aerado pode ser encontrada em uma das entrevistas concedidas pela autora à UFPR.

utras que musa se um d
ia blanco os outros sa
lvos um dia desfeita ou
tros perfeita um outro (BAPTISTA, 1991, p. 13)

No fragmento acima *ia* é parte de *d* do verso anterior, formando num primeiro momento o substantivo *dia*, mas pode ser lido como o verbo ir no pretérito, pertencendo a outra sentença, o que influi no aspecto semântico e numa leitura fragmentada. O mesmo ocorre com *ou* que pode ser lido como conjunção ou parte do pronome *outros*, permitindo várias leituras e sentidos.

Não custa mencionar a constante presença da poesia Concreta, enquanto escola que ensinou a ver as palavras semântica, sonora e graficamente; nesse sentido o termo *salvos* pode ser lido *s alvos*, ou ainda, sem alvos, como oposição à sentença *se um dia blanco*.

Desse modo, a interrupção à leitura é inerente à disposição estrófica, norteadora da práxis poética da autora. Trazendo à tona as noções de estética da recepção (ISER, 1999) e de leitor-modelo (ECO, 1999) que prezam pela singularidade interpretativa por parte do leitor, os blocos aerados podem ser pensados como “estratos impositivos de leituras singulares”¹⁴, cujas sínteses dependerão não só da capacidade cognitiva (intelectual), mas também da capacidade sensorial (perceptiva e respiratória).

Há, portanto, um apelo para que o leitor crie seu ritmo, enquanto sua respiração, visão, percepção e intelecto conseguirem estar conciliados, não adiantando aqui a intenção primordial de ler o que o autor intentou que fosse lido. Ou seja, um procedimento formal que afasta de vez qualquer estatuto que a palavra *Autor* ainda ouse conter.

A autora chama de “estrofação sensível” a esse seu procedimento formal, pois acredita que “aí a poesia funciona com pneuma, ciência da respiração, na qual os blocos aerados combinam-se ao ritmo de cada leitor”¹⁵.

Todavia, passados estes primeiros encontros com o poema através da respiração, ao se retomar a leitura é possível lê-los de acordo com uma sintaxe retórico-discursiva, pois também estão estruturados dessa maneira:

“Um dia eufórica outros por fora / um dia engagée outro retombée / apuro um dia outro rigor / e o dia urzes e alcaçuzes / vezes que bruxa outras que musa”

¹⁴ O termo é meu.

¹⁵ Entrevista já citada.

(BAPTISTA, 1991, p. 11).

Este caráter de leitura híbrida funciona como a pedra de toque para a confluência de duas linhas poéticas marcadas por Benedito Nunes: a linha neo-retórica e a linha da poesia do fragmento, mas a estas acrescenta aspectos herdeiros da trato visual legado pela poesia Concreta devido à constante objetivação experimental que cada texto propõe.

2.1. Outros aspectos formais

O cuidado formal revela-se também através de jogos paranomásticos, assonâncias, espelhamentos rítmicos, choques sonoros que intentam uma sensualização da linguagem, uma babel feliz, “O prazer do texto é Babel feliz” (BARTHES, 1999, p. 8), que comunga a verbivocovisualidade da poesia concreta.

i s s o t u d o j á
p a s s a d e a r t
i f í c i o : s e r i

a f ó s s i l , n ã o

f o s s e i n í c i
o , s e r i a t r a ç
a , n ã o f o s s e
m í s s i l (BAPTISTA, 1991, p. 22)

No entanto, o não prescindir ao verso remete tal poética para uma lírica descoberta sob o experimentalismo, conciliando as lições concretas às lições metapoéticas e sagradas:

d u e l o s o l o
d e s o l a s o l
h á l i t o e t h a l o
d e s o l a s o l
d e s o l a s o u l
o a r e m a r s (BAPTISTA, 1991, p. 46)

Os trocadilhos com a sonoridade, a forma e o sentido trazem inferido o labor do poeta, seu fazer poético de sol a soul.

Também há espaço para a brevidade, como nesse haikai aerado:

n a m a d r
u g a d a a
g u d a q u

a l a d a g
a a á g u
a p i n g a (BAPTISTA, 1991, p.30)

3. A temática neo-barroca

Em tempos de relativização, nos quais vêm abaixo conceitos outrora sólidos como Autor, Sujeito, Nação, Identidade, entre outros, é comum o estabelecimento de tensões, de situações híbridas que obrigam um constante espelhamento, um olhar para a alteridade implícita nos valores que norteiam a sociedade mercadológica. Nesse sentido, a antítese torna-se uma alegoria indispensável à reflexão, um instrumento que relativiza o discurso, seja ele qual for. É ponto comum entre a intelectualidade pensar no oposto, revitalizando qualquer questionamento dogmático. Admitida a possibilidade de transferência do jogo de contrários, da esfera cultural para a estética, os poemas de Josely podem ser encontrados nesse ambiente claro-escuro, de opostos, e em relação àqueles temas, como “lápides barrocas”¹⁶ suplantadas pela voz lírica que não só opõe contrários, mas questiona o próprio fazer poético:

queria etreveros e quimeras, vári
os rigores e rimas raras, queria m
enires e quireras, que o que desde
ra se reouvera. queria trevos e r
isos feros, leros serenos, querela
s belas, relar de peles arrepiada
s, chorar com um olho e rir com
o outro. queria esperas e não dem
oras, se o leste escuro o sul seg
uro, queria guerra, caça e amores, e
por um prazer, sem dores. (noite) (BAPTISTA, 1991, p.5)

Transita na maioria dos poemas, entre as antíteses, um lirismo questionador da experiência com a palavra, da sensualidade, do metafísico, do cotidiano, do existencial.

4. Uma poética ensaística

Cada vez mais, dada a conjuntura cultural norteadada principalmente pelo fenômeno da globalização, parece firmar-se a proposta de viver-se ensaisticamente, como sugere de maneira implícita, Richard Forster, que analisa, entre outros assuntos, o legado do filósofo alemão Walter Benjamin, o qual, para o autor, só foi possível devido à miscelânea cultural, social, intelectual e existencial que marcou a vida de Benjamin. (FORSTER, 1991). Nesse sentido a poesia de *Ar* pode ser entendida como a

¹⁶ O termo é do poeta Régis Bonvincino.

necessidade de conjugar diferentes práticas rumo a uma maior apreensão da realidade. Dentro deste prisma, Josely consegue conciliar diferentes “mundos” (estéticos, mitológicos, históricos) no pequeno grande mundo do poema. Assim, a influência dos simbolistas franceses - como Rimbaud e Mallarmé – e da poesia Concreta, visível na experimentação da linguagem, alia-se à tradição sacralizante das peças de literatura oral guarani, tudo isso possível graças à ponte que a temática neo-barroca proporciona.

Da mesma forma que o ensaio admite aberturas metodológicas e textuais impensáveis no paper, racional e sistemático, os poemas de *AR* confluem um leque de influências e leituras que os impossibilitam de serem olhados à luz de uma única exegese.

Talvez aí esteja a grande conquista da poética dos nossos dias: a comunhão ao invés da exclusão de signos.

5. O bloco aerado e a velocidade midiática

Admitida a necessidade de se percorrer um caminho sacro rumo à exegese dos poemas de *AR*, deve-se considerar que tal direcionamento metodológico supõe um certo tempo, o qual não se resolve de forma breve. De fato, as lápides necessitam sofrer a erosão do tempo, a qual na arte está a cargo da reflexão e contra o tecnicismo dromológico, que é a ditadura da velocidade a que estão submetidos os sistemas culturais por intermédio da mídia. (FURTADO, 1999. p.113-125.)

O simulacro comum da mídia impele a ditadura da velocidade, na qual a brevidade e a representação facilmente substituível tornam-se as forças reguladoras de tal discurso. O que se lê, o que se come, o que se vê, o que se ouve deve condizer com o efêmero e incompleto, para que a ânsia aumente, como nos diz Bauman:

Para abrir caminho na mata densa, escura, espalhada e “desregulamentada” da competitividade global e chegar a ribalta da atenção pública, os bens, serviços e sinais devem despertar desejo e, para isso, devem seduzir os possíveis consumidores e afastar seus competidores. Mas, assim que o conseguirem, devem abrir espaço rapidamente para outros objetos de desejo, do contrário a caça global de lucros e mais lucros (rebatizada de crescimento econômico) irá parar. (BAUMAN, 1996, p. 86)

Nesse sentido, a poética de Josely ou qualquer outra que não compactue com tais simulacros pode ser mencionada como uma resistência em nome da reflexão, uma vez que poemas que exigem respiração, releitura, entre outras aptidões, certamente não condizem com a falta de tempo dos nossos dias, nem podem ser avaliados por sistemas excludentes.

6. Conclusão

Com base nas implicações expostas até agora, a poética de Josely ganha melhor contorno se olhada como um produto híbrido das linhas propostas pelo professor Benedito Nunes, incorporando, ainda, aspectos mais atuais que contradizem a relação mercadológica que nos rodeia, por exemplo, a não-brevidade e a necessidade de releitura e apreensão sensorial.

Desse modo, trata-se de uma poesia que traz através de si muito do modernismo brasileiro, mas sem cair no lugar-comum da diluição, pois propõe outros estratos como o corte estrófico e a constante experimentação objetivo-reflexiva.

Por tudo isso, o livro *AR* é representativo de uma poética contemporânea.

Referências bibliográficas

- BALMAN, Zigmunt. Turistas e Vagabundos. In: BALMAN, Z. *Globalização: As Consequências Humanas*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5^a ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BAPTISTA, Josely V. *Ar*. 1^a ed. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Trad. P. de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- FORSTER, Richard. La Deriva como Aprendizaje. In: FORSTER, R. *El Ensayo como Filosofía*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1991.
- FURTADO, Fábio. A literatura na cena finissecular. In: *Globalização e Literatura*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999. p.113-125.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. J. Krestschmer. São Paulo:ED. 34, 1999.
- NUNES, Benedito. Expressão e Forma. In: *Novos estudos*. Pará: CEBRAP, 1991. n° 31. p. 171 – 183.